



Artigo original

TRADUÇÃO: arte ou ciência?

Manuel Cabinda

Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique

RESUMO: Este artigo tenta desconstruir um dos mais antigos mitos na área da tradução: a sua génese e se a tradução terá partido da Arte e/ou da Ciência. O artigo conjuga a metodologia “desk research” e alguns dados recolhidos de exercícios administrados aos estudantes das disciplinas de Teoria da Tradução e Metodologia da Tradução, ministrados no Curso de Tradução da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Conjugados os resultados das análise feita aos exercícios com a experiência profissional e de docência do autor, e a análise de vários estudos publicados na área, o artigo tenta prover uma introspeção sobre a disciplina “Tradução” ou “Estudos da Tradução” e a sua correlação com a Arte e a Ciência. O artigo demonstra que há uma ligação, contudo não conclusiva se esta ligação terá tido Arte e ou a Ciência como ponto de partida, mas demonstra claramente uma ligação incontestável que parte desde a Era Greco-Romana (55 AC /384 AC, Era Romana Clássica) à actualidade, essencialmente, por via da análise do percurso do trabalho de São Jerónimo anos 419 ou 420 AD, um dos pioneiros da área, á estudos recentes na área da Tradução dos últimos 60-80 anos (NIDA, 1964; IMMEL, 1997; MILTON, 1998; BARBOSA, 1990; HOLMES, 1988 e 2008; NOGUEIRA, 2018).

Palavras-chave: Arte, Ciência, Princípios da Tradução, Técnicas e Procedimentos da Tradução, Tradução.

TRANSLATION: art or science?

ABSTRACT: The present article tries to demystify one of the ancients’ myths in the field of Translation: its genesis and whether translation had its berth in Art or/and Science. The article combines desk research with data collected from results of exercises administered to students of Translation Theory and Methodology of Translation disciplines of the Translation Degree Course in the Faculty of Arts and Social Sciences, at the Eduardo Mondlane University. The article tries to provide answers to the quest to understanding the myth on Translation or Translation Studies and the correlation that may there be with Art and Science by combining the results of the analysis of the collected data, the author’s professional experience in university teaching and translation and interpretation practice, as well as the analysis of several published studies in the field. The study shows that that there is a non-conclusive link between Art and Science and the berth of Translation Studies as a discipline. It clearly shows, however, that there is an unquestionable crystal clear link indicating that Translation studies started from the Greco-Roman (55 BC /384 BC, Roman Classic Era) and from the pioneering work by São Geronimo (419 or 420 AD) in the field of Translation to the contemporary work of the past 60-80 years in the field of Translation (NIDA, 1964; IMMEL, 1997; MILTON, 1998; BARBOSA, 1990; HOLMES, 2008; NOGUEIRA, 2018).

Keywords: Art, Science, Translation Principles, Translation Procedures, Translation.

Correspondência para: (correspondence to:) manuel.cabinda@uem.ac.mz

INTRODUÇÃO

A tradução tem sido uma das áreas mais recentes no séquito dos estudiosos da Linguística e Linguística Aplicada. Porém, a sua aplicação é milenar, apesar de ter tido períodos de uso nos quais seria impossível, hoje, documentar ou encontrar registos, dado o secretismo nos círculos inerentes, mormente, a igreja, a corte, dentre outros.

Com o acumular de conhecimentos,

experiência e prática, e após várias leituras e discussões, vimo-nos numa encruzilhada - tentar perceber se a tradução é uma ciência ou uma arte, ou ainda se se pode considerar esta como sendo as duas, arte e ciência. Na ausência de uma resposta clara, concisa e iluminada e tendo tido a possibilidade de falar sobre este tópico na I Conferência Internacional da CLUTRAD, virtual (consequência da pandemia do Covid19), realizada entre os dias 29 e 30 Outubro de

2021, decidi fazer uso dessa plataforma para obter possíveis respostas à minha questão, partilhando as nossas conjecturas. Após vários anos como docente na área e dada a experiência acumulada nesta actividade e na de tradutor informal, formal e ajuramentado, depois autodidata e pedagogo, e associado à actividade de interpretação e experiência amassada nesta área, impele-me tentar desconstruir este mito e ou acto/actividade complexa, tentando encontrar respostas a uma pergunta apenas: será a tradução uma ciência ou uma arte e terá esta partido da arte ou da ciência, um celeuma que tem analogia na velha e milenar questão do “ovo e da galinha”, pois milenar também é a Tradução.

METODOLOGIA

O presente artigo usa a metodologia “desk research” combinada com alguns dados recolhidos durante o percurso profissional do autor, nas salas de aulas, usando os resultados dos trabalhos práticos e as discussões sobre tradução, teoria da tradução e prática da tradução, dentre outros. O autor, entanto que docente e profissional na área da tradução produziu um uma série de textos, fichas de trabalho prático, manuais e traduziu milhares de páginas (durante um pouco mais de 30 anos) e parte deste arcaboço foi objecto de análises para melhor entendimento da área da tradução, do processo tradutório e do produto final. As análises abrangeram ainda parte dos trabalhos realizados pelos estudantes, durante as aulas. Durante este percurso, o autor/docente sempre indicou aos seus estudantes que alguns trabalhos seriam objecto de estudo e nunca houve, por parte destes, quaisquer objeções, apesar de não ter havido um consentimento escrito; para efeitos deste artigo iremos designar este consentimento de “consentimento *ad verbum*”. Para efeitos deste artigo, o entendimento de “desk research” ou “secondary research” é no geral um método que essencialmente usa o que que já tenha sido publicado, incluindo os respectivos

dados, e sem necessariamente fazer a recolha de novos dados adicionais, pois já existe uma premissa – outros pesquisadores, cientistas, etc. terão feito o trabalho primário e publicado (*primary research*) (HOX e BOEIJE, 2005; HEWSON, 2006).

Assim, neste artigo apresentamos algumas opiniões próprias, de outros, por vezes citando, exemplos e perspectivas, para tentar desconstruir o que nos leva a este simples mas deveras inquisitivo escrito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ARTE E CIÊNCIA: QUE PROXIMIDADES OU AFASTAMENTOS?

Arte

Sempre que nos debruçamos, de maneira mais cavaqueira sobre a arte, a conversa nos leva para desenhos, pinturas e esculturas e poucas vezes e/ou quase nunca para a ciência; menos ainda associá-la à arte de traduzir ou interpretar no seu *strictu sensu*. Salvo melhor entendimento, **Arte** (do termo latino *ars*, que significa *técnica e/ou habilidade*) pode ser entendida como a atividade humana ligada às manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada por meio de uma grande variedade de linguagens, tais como: arquitetura, desenho, escultura, pintura, música, dança, teatro e cinema, em suas variadas combinações (<https://en.wikipedia.org/wiki/Art>; <https://www.wordsense.eu/ars/>). O processo criativo dá-se a partir da percepção com o intuito de expressar emoções e ideias, objetivando um significado único e diferente para cada obra (escrita).

É objectivo deste estudo encontrar os caminhos que possam ajudar a associar a Arte à Tradução. Mas, antes de embarcarmos para esse desiderato, é óbvio tentar perceber e/ou definir o que é ciência, pois só assim, teremos as duas faces da moeda, para responder as questões interpostas: será a tradução uma ciência ou uma arte e terá esta partido da arte ou da ciência?

Ciência

Ciência, tal como o entendimento da Arte acima, deriva do latim *scientia* (traduzido por "conhecimento") e refere-se a quaisquer conhecimento ou prática sistemáticas realizadas por um ser humano – no caso em apreço, um cientista, um pesquisador, um inovador, e por vezes, apenas um curioso. Em sentido estrito (*strictu sensu*), ciência refere-se ao de adquirir conhecimento baseado no método científico bem como ao corpo organizado de conhecimento conseguido através de tais pesquisas (sistema) (<https://en.wikipedia.org/wiki/Science>; <https://www.wordsense.eu/scientia/>). Aqui, podemos notar que as proximidades se resumem a gênese, mas cremos que as linguagens inerentes a arquitectar, desenhar, pintar, esculpir, fazer música, dançar, fazer teatro /ou cinema demandam uma prática sistémica, organizada e pelo homem para que possam surtir efeito - eis a outra dimensão de proximidade entre estes dois conceitos. Haverá, essa proximidade dimensional na Tradução, uma ciência aplicada?

A QUESTÃO PRINCIPAL OU A DÚVIDA?

Neste nosso escrito, iremos por o foco na *ciência aplicada*, que é a aplicação da pesquisa científica a necessidades humanas específicas, o esforço para descobrir e aumentar o conhecimento humano. No entanto, o conhecimento costumeiro, corriqueiro, será também tomado em conta pois, como o dissemos acima, nem sempre discutir sobre Arte pode suscitar Ciência. A nossa questão, “será a tradução uma ciência ou uma arte e terá esta partido da arte ou da ciência?” pode encontrar respostas, talvez, se mergulharmos no passado milenar e/ou secular, conforme entendimento, e tentar destringir o que resultou da sua prática (sistémica ou não), dos estudos na área da tradução, nessa época, que possa orientar-nos para uma percepção mais cabida e que responda às questões acima.

DA GÊNESE À MODERNIDADE: ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A história da tradução não pode estar dissociada da tradução de um dos documentos mais lidos e usados no Mundo, a Bíblia. São Jerónimo, um dos percussores e ou/pioneiros da Tradução, actividade de tradução e estudos na área, hoje considerado a patrono da Tradução e cujo dia do tradutor, 30 de Setembro, se comemora em honra de sua morte (anos 419 ou 420 AD), terá feito a primeira tradução desta obra sagrada para o Latim.

No ano 55 AC (Era Romana Clássica) e/ou no 384 AC, durante a vigência do Império Romano Cristão, teria sido o período que a actividade de traduzir, e quiçá de interpretar tenha dados os seus primeiros passos. Cícero, (ano 55 AC) foi um entidade incontornável dessa época. E documentos como a Torre de Babel e a Vulgata, o velho testamento, foram nessa altura traduzidos para algumas das línguas mais proeminentes. Mas voltemos à São Jerónimo!

Artista (Arte) e Exegeta (Ciência)

O trabalho de São Jerónimo nos lembra alguns aspectos associados à tradução ou ao processo da tradução: quando transferimos e/ou transpomos de um código linguístico para outro, acrescentamos ou omitimos alguma informação, que pode simplesmente resumir-se no adicionar de uma conjunção ou uma cláusula e/ou omissão destas. Razão pela qual se diz que histórias antigas, recontadas com frequência, podem ser lhes acrescentadas novos elementos que, por vezes, acrescentam, abreviam ou modificam a história original; e a tradução da Bíblia para o Latim possibilitou a “preservação” da mensagem original, um dos objectivos primordiais da tradução e o seu processo. Esta preservação, depende, de maneira profunda, da interpretação e ou entendimento que nós temos dessas histórias antigas, isto é, que mensagem original lá estava contida que não foi extraída e transferida para a “nova” história,

no novo ou outro código linguístico. Para esse efeito, volto ao percussor/pioneiro, que sendo um exegeta (da palavra *exegeses* e de origem grega; *exegeses* significa e/ou se refere ao processo de descoberta do sentido, da mensagem imbuída no texto original e que deve, após ser compreendida, ser transferida para a língua do receptor, o outro código linguístico, onde o objectivo principal/primordial de um “contador de histórias novas” (o tradutor) é o de determinar que mensagem deve ser comunicada no texto da língua de chegada, (vide LARSON, 1998), e profundo conhecedor das línguas bíblicas e devido a sua capacidade de propor ideias com clareza e o grande conhecimento linguístico, São Jerónimo foi escolhido pelo Pontífice São Dâmaso para ser seu secretário e, em 382 D.C., confiou-lhe a tarefa de rever uma antiga tradução dos quatro Evangelhos em Latim. Note que dissemos “rever”, pois havia o perigo de as traduções terem incongruências, acréscimos ou omissões que poderiam afectar a mensagem (vide Nogueira, 2018, para entendimento dos conceitos/procedimentos “adicação” e “omissão”).

As várias histórias, seu contacto com estas, melhor dizendo, ao trabalhar também com uma versão dos Salmos, traduzida do texto grego, que ficou conhecida como *Septuaginta*, com a versão hebraica do Antigo Testamento, especialmente com um livro que apresentava lado a lado, de forma comparativa, os diferentes textos do Antigo Testamento, nas línguas disponíveis, possibilitaram a produção de outras versões em línguas modernas e estudos comparativos dos textos bíblicos traduzidos (vide Nida, E. 1964), e sua análise, que resultou na definição do que seria o processo tradutório, hoje.

Arte redefinida: a cientificidade da arte *vis-a-vis* ciência

Antes de podermos aprofundar o tópico em questão, discutir sobre a definição da tradução e correlacionar com a arte e a ciência, é importante percebermos como é

que todo este enredo funciona e se entrelaça.

O estudo do processo tradutório de então constitui hoje o corpo da discussão sobre os aspectos que actualmente se consideram como a ciência contemporânea da tradução, (Alexander Fraser Tytler, advogado escocês (1790) cujo título elucidativo, "*The Principles of Translation*" ilustra neste primeiro estudo sistemático os processos e análise da tradução, que se resumem no seguinte: "*o dever de um tradutor de poesia[TEXTO] nunca deve ser o de diminuir o seu original*". (TYTLER in MILTON 1998, p.39).

Concordando com John Dryden (1631-1700), Tytler tentou resolver os problemas da tradução, que resultaram na sua admissão ao facto de haver uma ligação forte entre o tradutor e o [texto] original e para tal definiu três princípios-leis de tradução:

- 1) *a tradução deve fazer uma transcrição completa da ideia da obra original;*
- 2) *- O estilo e o modo da escrita devem ser do mesmo carácter do original;*
- 3) *- A tradução deve ter toda a naturalidade da composição original.*" (TYTLER in BASSNETT 2002, p.110).

Nida (1964) fez análises dos textos traduzidos para o Latim (por São Jerónimo). Ele, um interessado em Teorias da Tradução ou o que se referia na altura como Teoria da Comunicação (anos 1940 e 1950), investigou o sentido dos textos bíblicos e as razões pelas quais o sentido dos textos bíblicos era na sua maioria tornado obscuro pelo processo da tradução.

Em primeiro lugar, Nida notou que o uso da tradução literal jogava um papel significativo para tal falha na comunicação do sentido (ver secção 7.5 para mais detalhes). E, nesse sentido, ele desenvolveu algumas teorias e modelos da tradução, nomeadamente, O Modelo de Nida e a Teoria de Equivalência Dinâmica na Tradução (vide NIDA, 1964; CATFORD,

1965; BARBOSA, H. 1990). Como se pode depreender, o trabalho pioneiro de São Jerónimo, o artista e o exegeta, possibilitou a realização de estudos comparativos modernos e na produção de teorias e modelos da tradução.

Arte ou Ciência? Esta questão que rege este estudo pode ser respondida, tentativamente, se olharmos para estudiosos como Emmel (1997). Segundo Emmel (1997), até há bem pouco tempo a preocupação primordial dos tradutores se restringia em discutir se a tradução era uma ciência ou uma arte; se as traduções eram para ser "livres" ou "literais", ou se ela, afinal, era de todo possível. Raras são as referências ao que poderia constituir uma contribuição da Linguística à Tradução. Como sabemos, existe uma grande discussão no âmbito de cada ciência, no intuito de impor-se como tal, sobre o seu respectivo objeto de estudo. Por exemplo, a Linguística dentro das Ciências Humanas *vis-a-vis* Saussure (Estética) e a determinação da natureza de seu objeto de estudo, para então ter argumentos suficientes e convincentes para justificar e explorar a Linguística como ciência autônoma. Noutra nota, existem duas linhas distintas, a formal e a funcional (EMMEL, 1997). Aqui pode-se dizer que tanto os Formalistas quanto os Funcionalistas consideram o seu *status* científico superior ao da Linguística e Ciência da Tradução — existe alguma relação? Difícil de responder pois há muito subjectivismo nesta discussão. No entanto, é sabido que os subsídios da Linguística, ajudaram, sobremaneira, a definir a Tradução ou o que se designa de Estudos da Tradução.

O estudo da Tradução, na era contemporânea, como uma disciplina académica — neste caso a nossa correlação com Ciência, e segundo Munday (2001, 2008, pp.5-6) teve seu início nos últimos sessenta/oitenta anos. O estudo da Tradução, também é designado de “Estudos da Tradução”, termo cunhado por James S. Holmes, estudioso e académico Holandês.

O objectivo essencial desta disciplina académico-científica era a sua preocupação com “a complexidade dos problemas agregados a volta do fenómeno de traduzir e traduções” (HOLMES, 2004, p.181) e cremos ainda ser esse na era actual.

Vários outros estudiosos seguiram este percurso e refinaram este desiderato e indicaram que “a demanda de se ver os estudos da tradução fossem percebidos como uma disciplina independente (...) veio de diferentes quadrantes, nos últimos anos” (SNELL-HORNBY 1988, prefácio) e como foi evidente, mais tarde, os estudos da tradução tiveram um desenvolvimento galopante como uma disciplina independente e um tópico de discussão prolífico, a nível internacional (SNELL-HORNBY 1995, prefácio) e cunhada de maneira efusiva como uma disciplina académica nova, e talvez a disciplina dos anos 1990, dada a sua vasta riqueza que juntou estudiosos das disciplinas tradicionais (no nosso entender da Linguística pura, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Fonologia, dentre outras) para discutir uma variedade de assuntos e matérias ligadas à Tradução (BAKER, M., 1992).

Segundo Mundy (2008), este estágio contemporâneo dos estudos da tradução deu vida à proliferação de cursos de tradução e interpretação extremamente visíveis e proeminentes a níveis da graduação e pós-graduação, resultando assim em estudos científicos e publicações, para além da produção de profissionais nestas áreas. Caminade e Pym (1995) publicaram uma lista de 250 universidades e/ou instituições similares que administravam cursos de graduação e/ou pós-graduação na área de tradução e interpretação em mais de 60 países. Segundo Mundy (2008), notou-se um declínio dos cursos em Estudos de Línguas Modernas detrimento dos de Tradução a nível de pós-graduação, em particular os cursos na área de Interpretação.¹ De lá a esta parte, o número de ofertas de cursos na área da

Tradução/Interpretação continuou a crescer.²

Creemos aqui que se pode ver a clara ligação e/ou correlação com a Ciência, que terá partido da Arte de traduzir da “era São Jerónimo”.

DEFININDO A TRADUÇÃO

Dada a pletora de obras e autores torna-se muito difícil uma definição que poderia ser ‘a representativa’, que englobasse todas as vertentes, todos os parâmetros, etc. e que possibilitasse a correlação simples entre esta e a “Arte de traduzir” e/ou a “Ciência de traduzir”.

O foco das várias definições não se centra no simples **acto** de transferir de um código linguístico para o outro, de reproduzir o texto na língua do interlocutor para a do receptor com a maior proximidade e equivalência possíveis, quer do sentido, quer do estilo; ou no simples **acto** de substituição de um texto numa língua por outro equivalente noutra língua; muito menos no único acto de reproduzir um texto numa outra língua e cultura do alvo de acordo com a forma e a exatidão deste. Então a pergunta prevalece: o que é a tradução?

Segundo Mundy (2008), o termo Tradução pode ter apenso vários significados: pode referir-se a área no general, ao produto (o texto que tenha sido traduzido) ou ao processo (a acto de produzir uma tradução/de traduzir, que é essencialmente tradução). O processo da tradução entre dois códigos linguísticos escritos diferentes envolve o tradutor e o acto deste de mudar/transformar o texto escrito original ou texto fonte (TO), numa língua verbal original (língua fonte ou de partida) para um outro código linguístico escrito (TT ou Texto/língua Alvo), isto é, na língua do receptor (JAKOBSON, 1959 e 2004).

No nosso entender a tradução é essencialmente a transposição (vide Nogueira, 2018; Barbosa, 1990, para mais detalhes). Mas perguntar-se-ia o que é transpor? E a resposta poderia no seu *latu*

sensu resultar em explicações que de algum modo não se encaixariam nas balizas do acto traduzir e ou processo tradutório, i.e. mudar a forma, passar de um (A) para outro (B), a mudança de um TO para o TT, etc. Apesar desta amplitude, poderia haver nestas possibilidades alguma razão de ser, contudo com alguma restrição. Dai que, conjugados vários pontos de vista e estudos, podemos aqui apresentar várias possibilidades, mormente:

1. ‘um acto de fazer; um fazer intelectual que demanda/requer/exija o domínio de operações mentais’ (BORDENAVE, 1978, p. 2).
2. ‘uma actividade humana realizada através de estratégias mentais que são aplicadas na tarefa de transferência de significados de um código linguístico para um outro’ (BARBOSA, 1990, p.11).
3. ‘basicamente uma mudança de forma’ (LARSON, 1984, p. 3).
4. ‘a transferência de um significado de uma língua original/de partida para a língua do receptor/ de tradução’ (LARSON, 1984, p.3) e seria essencial o significado/a mensagem que estaria sendo transferida e para tal efeito deve ser mantido(a) constante, inalterável. Apenas a forma sofre alterações, mudanças.

Conjugando as propostas acima com o foco deste estudo, e a semelhança do postulado por Ordudari (2008), pode-se questionar se a Tradução é um estudo científico do que ocorre ou apenas um empreendimento artístico, uma teoria ou actividade investigável ou apenas uma ramificação da linguística e/ou literatura?

Sem deixar de lado o que acima discutimos, podemos tentativamente fazer a correlação com a arte e ou ciência. Quaisquer actos e ou processos mentais e intelectuais carecem de destreza, habilidade para a sua planificação, desenho e execução. E

escrever numa língua também exige que se aplique os princípios e ou conceitos de estética (beleza em palavras simples), dentre vários. Vemos aqui a correlação com a Arte. E a aplicação das regras, aspectos estruturais, a gramática, etc. correlacionam este processo tradutório à ciência. Ordudari (2008) conclui que o estudo da Tradução, não necessariamente a sua definição, pode ser visto como sendo ciência. No entanto, diz ele que se olharmos para o produto final, seria racional ver a Tradução como uma arte ou uma actividade artística.

Sem descurar o acima postulado, iremos abaixo fazer a desconstrução de alguns princípios mor que irão, adicionalmente, propor um melhor entendimento da Tradução e/ou estudos da tradução.

OS PRINCÍPIOS

A Tradução ou estudos da tradução carecem ainda de uma certeza quanto a sua categorização, i.e. se arte, ciência, actividade artística, uma profissão ou apenas um negocio (BELLOS, 1987, p.164). Como acima indicamos, e apesar do postulado por Ordudari (2008), este autor faz um debate longitudinal e profundo sobre o assunto com base no historial da tradução, seu desenvolvimento e percepções actuais. Iremos, no mesmo diapasão fazer uso do passado histórico da Tradução e trazer alguns aspectos relevantes para a discussão em questão.

John Dryden (1631-1700) e depois Alexander Fraser Tytler (1790) criaram os fundamentos para a definição de três princípios-lei da tradução (TYTLER in MILTON 1998, p.39):

- 1) *"A tradução deve fazer uma transcrição completa da ideia da obra original"*;
- 2) *"O estilo e o modo da escrita devem ser do mesmo carácter do original"*; e
- 3) *"A tradução deve ter toda a naturalidade da composição original."* (TYTLER in BASSNETT 2002, p.110).

Estes princípios-lei, contudo, dos estudos da tradução não contemporâneos (os

contemporâneos datam dos últimos 60-80 anos), alicerçam-se em resultados do acto de traduzir de um período mais remoto. Etienne Dolet (1509-1546) foi pioneiro neste processo e ele, um humanista francês, estabeleceu cinco princípios para o tradutor, os quais apresentamos abaixo:

O primeiro, *"...entender completamente o sentido e o significado expressos pelo autor original, embora tenha toda a liberdade para clarificar os aspectos obscuros"* e como o próprio princípio o diz, o tradutor deve ser não só fluente, competente nas línguas nas quais ou com as quais trabalha, mas ser capaz de identificar, e quiçá descobrir a mensagem (o sentido e o significado) no TO. Este processo designa-se de *exegeses*. O termo leva-nos de volta a "era São Jerónimo" pois como o descrevemos, ele era um exegeta e tendo sido o percussor no acto de traduzir, estabeleceu as balizas para o refinamento destes princípios.

Mais ainda, para melhor entendimento do significado expresso pelo autor original (na TO) é necessário passar pela resolução de quaisquer ambiguidades e ou outros obstáculos (linguísticos, metalinguísticos, culturais, etc.) e fazendo uso da sua capacidade e liberdade de reconstruir essa mensagem na TT sem, no entanto, subverter o gênio do autor original. A reconstrução de um novo texto (TT), essencialmente um processos mental e intelectual de criação, pode, com o devido ajuste, lembrar-nos o processo de criar arte, conceber, projectar etc., i.e. Arte.

O segundo princípio *"evitar as traduções à letra"*, também entendido como o processo onde se deve evitar a tradução palavra-por-palavra, pode de algum modo funcionar onde há paralelismo linguístico e em casos onde os enunciados são de construção simples. Por exemplo, em

I went to school. (Inglês)

Podemos ter uma tradução, directa, palavra-a-palavra, na língua portuguesa, que seria

Eu fui à escola. (Português)

Isto é possível pois nota-se claramente que a estrutura SVO da língua inglesa (Subject-Verb-Object) tem uma linearidade total com a da língua portuguesa (Sujeito-Predicado-Complemento). No entanto, quando esta premissa não ocorre, por exemplo, ao longo de textos mais longos e complexos e mesmo em textos simples e não longos, o tradutor deve recorrer à sua capacidade, habilidade, intelectualidade e acima de tudo o seu arcaboiço linguístico para identificar o sentido (exegeses) e resolver as ambiguidades. No enunciado “*Eu estudei*” (= não sou iletrado e tenho um nível de escolaridade acima do primário e ou por vezes secundário), pode ser traduzido como sendo

I got a degree.

ou

I'm educated.

Na retradução deste TT, *I'm educated*, pode resultar em erro, i.e. *Eu sou educado*, que pode significar ser uma pessoa com boas maneiras e com bons valores morais e éticos e de boa família. Como se pode depreender, os conhecimentos dos ditames científicos da tradução desempenham aqui um papel crucial. No exemplo abaixo, podemos verificar que mais do que uma hipótese é possível:

A piece of cake (Inglês) – *um pedaço de bolo* (aceitável mas com muita literalidade e no contexto apropriado)

vs

Uma fatia de bolo (o mais correcto)

vs

É canja! (fácil) onde o sentido é mais figurativo.

É crucial notar e sublinhar que só com a cientificidade que o processo da tradução pode oferecer que o tradutor pode fazer uso útil do seu do conhecimento dos ditames científicos da tradução, pois é ainda nosso entender que a Inteligência Artificial (IA) ou Tradução Assistida por Computador, também conhecida como tradução assistida

por máquina ou tradução humana auxiliada por máquina (CAT = o uso de software para auxiliar um tradutor humano no processo de tradução) não ajuda sem a capacidade de cognição e metacognição (CABINDA, 2019) e sua cientificidade (Ciência), a “Arte” de pensar que o ser humano, o tradutor, possui para fazer toda esta análise.

O terceiro princípio, “*ter um conhecimento perfeito tanto da língua de partida como da língua de chegada*” parece remeter-nos a sina de um tradutor: que a obrigatoriedade de conhecer a língua Portuguesa e a de tradução, com um nível de perfeição inquestionável, pode ser algo inalcançável – a questão aqui é o termo “perfeito”. É incontornável que um tradutor deva ter um conhecimento perfeito das línguas com as quais trabalha ou *quasi* perfeito, no nosso entender e neste desiderato, podemos dar um cunho diferente o termo “perfeito”, principalmente para os falantes das línguas activa e passiva como sendo língua segunda ou estrangeira (LS/ LE). Incontornável é ainda o processo da exegeses, pois o seu resultado definirá o grau de fidelidade e destreza para reconhecer erros sintático-semânticos, morfo-sintáticos, ler entrelinhas, interpretar o texto e o cotexto, interligar o texto a factores exógenos, culturais, as ambiguidades, etc., o léxico/texto adequado, com registo e estilos apropriados e com a naturalidade adequada, no produto final. Para esse efeito, como já o demonstramos, a competência linguística é um activo indispensável. Por exemplo, um dos erros mais comuns em textos traduzidos para a língua Inglesa, no contexto do PLS/franca se prende com o uso de preposições. Erros como *depending in/of* se fossilizam pois a preposição de lugar *on* significa por cima/em cima de/em/sobre etc., e o falante de Português se confunde. A tradução correcta é *depend on* e, como nos referimos acima, só a capacidade humana, a de cognição e metacognição e as técnicas e estratégias de leitura associadas (CABINDA, 2019) podem ajudar a chegar a bom porto (não IA ou CAT necessariamente). Noutra nota, mesmo

tendo um nível de conhecimento “perfeito”, o tradutor deve ainda ser capaz de associar esta competência com a de saber interpretar o texto e extrair/perceber/descobrir a mensagem (exegeses) e associa-lo a cultura do alvo e ao alvo de *per se*.

Por exemplo, a falta destas habilidades e capacidades e do cumprimento destes pode resultar num produto final não fiel, correcto, adequado e uma aberração para o alvo, tal como ilustrado na Figura 1.



FIGURA 1: Tradução de um texto TO (Inglês) para TLT/TT (Português)

Fonte: inconclusiva

Aqui podemos notar que a Arte de escrever não venceu por si só, pois faltou a compreensão do texto, da mensagem, que é definida pelos conhecimentos científicos que se adquirem do estudo do processo da tradução, ciência.

“Usar uma linguagem de utilização corrente” é o quarto princípio. Porquê dificultar a compreensão da mensagem em uma alocação (descoberta e /ou identificada por via da exegeses), com o uso de linguagem não corrente? O grau de sofisticação do conhecimento perfeito da língua, o linguajar *posh* (bem como deveras formal) não pode ser uma Arte de criar dificuldades no receptor (alvo). Acima discutimos o princípio que obriga ao tradutor a ter um conhecimento “quasi perfeito” dos códigos linguísticos que ele trabalha neles. Mas não pode esse arcaboço ser um impedimento para a compreensão da mensagem a ser transferida.

No nosso entender, linguagem de uso corrente (*common, colloquial, plain language or parlance*), pode ser definida e/ou vista como linguagem fluída, clara e sem muito informalismo e ou formalismo e ou ainda um excesso de jargão técnico. Pois o alvo, uma entidade importantíssima no processo tradutório, deve sempre mantido em mente e não deve ser sujeito a fazer uma análise de discurso, de interpretação do texto para aceder a mensagem. Apesar de o alvo ter que compreender o usos de sinónimos, definições, compreender o uso de uma corruptela, estrangeirismo, calão de rua, etc., este não precisa de passar por um processo de análise morfo-sintático-semântico como o faria um tradutor e/ou um linguista, e/ou um perito em línguas. O tradutor deve ter a dinâmica e o pragmatismo criativos (fazer Arte) de produzir um texto adequado (TT) e que propicie ao alvo uma leitura fluída, natural, agradável e que este possa abstrair a mensagem sem muito esforço mental e físico, mas natural. Nos exemplos abaixo iremos demonstrar como esta probabilidade pode afectar a compreensão de um texto/enunciado e criar ruído na compreensão. No enunciado a) *Ele teve um tumor maligno que carcomeu parte das suas células cutâneas/ do epiderme*, podemos notar o uso de itens lexicais um tanto sofisticados que poderiam dificultar a compreensão de um receptor que não tivesse um nível de escolaridade e cultura do código linguístico altos. O mesmo enunciado poderia ser apresentado como em b) *Ele teve um(a) cancro/doença que destrui (parte) (d)a sua pele*. Aqui, podemos notar que a(s) linguagem(s) (Arte) já se apresentam de modo mais corriqueiro, onde, cremos, quaisquer pessoas falantes deste código linguístico e com um certo nível de escolaridade “aceitável” poderiam entender a mensagem com muito menos esforço mental que em a). Contudo, não cremos ainda que o tradutor deve apresentar a mesma mensagem tal como no enunciado em c), pois apenas um certo e pequeno grupo na sociedade poderia entender a

mensagem (*genre/discurso*) pois só quem conhece o tipo de jargão usado poderia ter tal capacidade. O efeito em *c) O gajo/tipo patinou por causa de uma doença bem lixada que mamou a pele dele*, pode ser o mesmo que em *a)*, mas mostrando que o tradutor não é polido, sofisticado (*demais*). Daí que o uso desta linguagem de rua/informalíssima, pode ter a sua razão de ser, mas deve ser evitada pelo tradutor a todo custo, excepto se o texto original, o gênio do autor original assim o demandar. E, por último, temos abaixo o quinto princípio.

Neste princípio, “*escolher e ordenar as palavras de forma apropriada à produção do tom correcto*” vimos que, como o indicamos acima, ao discutir a definição da tradução, traduzir = transpor de A para B; = a transferir a mensagem, obedecendo as regras gramaticais (forma) e outras nuances da língua de chegada/tradução (TT), preservando o estilo e a semântica do original (TO). Neste processo, o tradutor deve ter competência linguística, capacidade e o discernimento suficientes para perceber as escolhas lexicais do autor original, de perceber o gênio do autor original e retê-lo no texto de chegada. Deve ainda, o tradutor ter a capacidade de poder associar a escolha lexical, ao estilo, e a estética imbuídos no texto original e perceber os significados/significantes usados, seja em forma for, i.e. nos seus sentidos primário, secundário, e ou figurativo. O tradutor não deve fazer uso das regras gramaticais do texto original (TO) para ordenar itens lexicais de maneira correcta no TT, de modo a produzir o efeito desejado/equivalente, com impacto idêntico (igual) ao do TO na TT. Exige-se ao tradutor que o TT seja natural, correcto e fiel, com a mesma tipologia da do TO e que o alvo possa fazer uso deste sem muitas dificuldades. A não observância deste princípio pode resultar na produção de um TT diferente e/ou estranho (i.e. um texto novo e da autoria do tradutor e não uma tradução).

O que depreender destes princípios, seu uso, e a percepção da Tradução e a sua correlação com a arte e a ciência?

EXPANSÃO DOS PRINCÍPIOS E CONCLUSÃO

A expansão destes princípios-lei básicos, partem do que nos debruçamos acima e tendo ainda em conta o que George Chapman (1559-1634) propôs e sublinhou, que um tradutor deve fazer o maior esforço para atingir o "espírito do original" e recriá-lo em outro contexto cultural, observando as figuras e formas do discurso propostas pelo autor, sem que nesse processo, tradução, ele/a perca informação excessiva (admitisse uma perda mínima ou quase nula de informação). Mais ainda, a expansão destes princípios enfatiza ainda a importância da compreensão do texto de partida (exegeses), como requisito fundamental para a tradução de um texto e deste modo garantir a eficácia e eficiência do processo tradutório. Este processo tradutório, pode ser descrito e/ou traduzido em vários tipos da tradução e técnicas/procedimentos (MILTON, 1998; BARBOSA, 1990; NOGUEIRA, 2018).

Não nos propusemos, no entanto, debater este tópico neste artigo mas, apenas, chamar a atenção ao leitor sobre a sua existência. Propomos sim tentar responder à questão inicial que nos levou até a este ponto: é a Tradução Arte ou Ciência? Ao longo da nossa discussão vimos que a tradução poderá ter partido da arte de escrever, da capacidade de planificar, ordenar, produzir algo (arte ou ciência) que uma entidade tem e que resulte em um produto final, o texto na língua da tradução (TT). Esta Arte e ou Ciência deve ser aplicada, como vimos, para que o produto final seja fiel, correcto e que comunique uma mensagem clara e igual a do texto original (TO).

E o ideal é ter um TT que seja correcto quanto à mensagem e natural na forma usada na língua do receptor; natural quanto qualquer outro texto nessa mesma língua (TLT), que expresse todos os aspectos da

mensagem de maneira a que seja prontamente e inequivocamente entendida pelo utente, o alvo.

Devemos, no entanto, chamar a atenção do leitor que o mesmo texto a ser traduzido pode ter várias traduções, vários tipos de traduções que advirão do tradutor e ou tradutores. A forma e ou caminho seguido pode definir o resultado final, o produto, o TT. A dinâmica e pragmatismo do tradutor (Arte) e o conhecimento que este tem sobre os Estudos da Tradução, Tradução (Ciência), conjugados, definem a essência da tradução. Em termos teóricos, a tradução pode ser vista como uma ciência, enquanto que, também, pode ser razoável considerá-la uma arte, do ponto de vista prático.

Na verdade, ao se reconhecer o papel da tradução, i.e. uma ponte entre vários códigos linguísticos e diversas culturas, podemos entender a Tradução como sendo um fenómeno multifacetado e/ou multiforme de dimensões complexas (BAKER, 2002, pp 2-4) onde a arte, a ciência, a actividade artística, a actividade profissional e o negócio se entrelaçam e se tornam *uno*.

Tal como Ordudari (2008) advoga, a visão e ou percepção que devemos ter da Tradução, entanto que académicos, indica que a tradução não pode ser sistematizada por uma lei em particular, pois ela é subjectiva e resulta de um processo de pensamento criativo (lembrar a criatividade de S. Jerónimo). No entanto, segundo Azizinezhad (2004, p.3), a Tradução tem muito em comum com a arte e a ciência, contudo, torna-a muito dependente das idiossincrasias e da instituição do tradutor. O autor adianta ainda que, tal como os compositores e artistas plásticos, os tradutores veem as suas personalidades e emoções reflectidas no produto final. Azizinezhad concluiu escrevendo que, o que impede a classificação da tradução como uma arte reside no facto de o trabalho do artista centrar-se na estética, diferentemente do trabalho do tradutor que deve resolver uma série de diferentes

problemas, que demandam, por vezes, se não, na sua maior parte, o estudo da Tradução como ciência/ciência aplicada. Com podemos depreender, fica claro que, indicar que a tradução é originária da Arte e/ou da Ciência apenas, seria contraproducente.

Na Figura 2, abaixo, partilhamos a percepção de certos participantes de um estudo que tinha como objecto encontrar respostas sobre uma questão similar à do presente estudo: *Is Translation an Art, Science or Both?*. O estudo, da autoria de Alwazna, (2013), demonstrou que a maioria dos inquiridos (90%) pendiam para uma concepção da Tradução como sendo uma arte e ciência, sem separação.

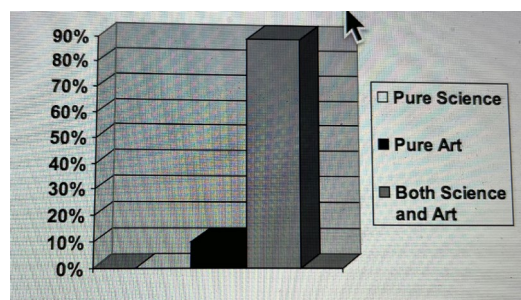


FIGURA 2: Percentage of the participants' views regarding the concept of translation
Fonte: ALWAZNA, (2013, p.65)

Apesar desta evidente percepção acima, e em face do debruçado ao longo deste escrito, e consubstanciado com as conclusões de alguns estudiosos, como Ordudari (2008), podemos indicar que encontramos-nos numa encruzilhada: é a tradução uma arte ou uma ciência e terá esta tido a sua génese na arte ou na ciência? A resposta, para nós, torna-se inconclusiva. A semelhança de Ordudari, o nosso estudo, advoga, com alguma dúvida no ar, que o estudo da Tradução, não necessariamente a sua definição, pode ser visto como sendo uma ciência. No entanto, tal quanto nós, adianta que, se olharmos para o produto final, seria racional ver a Tradução como uma arte ou uma actividade artística - qual das duas, eis a questão?!

O nosso estudo indica com um grau elevado de certeza que há sim uma correlação clara

entre a Tradução, a arte e a ciência, mas não pode indicar de forma conclusiva de qual destes dois conceitos terá sido o seu parto, i.e. a sua gênese.

Concluindo, poderemos não ter dado uma resposta precisa à esta velha questão do “ovo e da galinha”, mas cremos que ter demonstrado, o suficiente, a correlação que existe entre a Arte e a Ciência e os Estudos da Tradução, que essencialmente, se mostra patente nas definições de Arte e de Ciência e no processo Tradutório. E não seria possível encerrarmos este assunto sem propor estudos e análises adicionais e vir qual o seu impacto sobre os curricula dos cursos da Tradução, e quiçá, da Interpretação, no ensino superior.

REFERÊNCIAS

- ALWAZNA, R.Y. **Is Translation an Art, Science or Both?** 2013. Disponível em: <https://www.sharjah.ac.ae/en/Research/spu/JournalHSS/Documents/V10/Issue%201/Rafat%20Y.%20Alwazna.pdf>. acesso em: 20 de Setembro de 2022.
- AZIZINEZHAD, M. **Is translation teachable?** 2004. Disponível em: <http://accurapid.com/journal/36edu.htm>, acesso em: 20 de Setembro de 2022.
- BAKER, M. **In other words: A coursebook on translation.** 9th ed. London: Routledge, 2002.
- BAKER, M. **In Other Words: A Coursebook on Translation.** London and New York: Routledge, 1992.
- BARBOSA, H. B. **Procedimentos Técnicos da Tradução:** Uma nova proposta. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- BASSENET-MCGUIRE, S. **Translation Studies.** London and New York, Methuen, 1980.
- BASSNETT, S. and LEFEVERE, A. (Eds.). **Translation, History and Culture.** London and New York: Pinter, 1990.
- BASSNETT, S. The meek or the mighty. In Alvarez, R. and M. Carmen Africa, (eds). **Translation, Power, Subversion.** Philadelphia: Multilingual Matters Ltd, pp. 10-24, 1996.
- BASSNETT, S. **Translation Studies.** 3rd ed. New York: Routledge, 2001.
- BASSNETT, Susan. **Translation Studies.** 3rd ed. New York: Routledge, 2002.
- BELLOS, D. Summing up. In C. Picken (Ed.). **ITI conference 1: The business of translation and interpreting.** London: Aslib, 1987.
- BORDENAVE, M. C. R. **Fundamentos de uma Metodologia de Ensino da Tradução.** Trabalho apresentado 3 encontro nacional de tradutores. Porto Alegre. Mimeografado, 1987.
- BORGEAUD, E. The agency of the printed pages: Re-contextualizing the translated text. In Pym, A (ed). **Translation research projects 3,** Tarragona: Intercultural Studies Group, pp. 31-42, 2002/2011.
- CABINDA, M. Tradução: Arte ou Ciência? **Conferencia Internacional da CLUTRAD (virtual).** CLUTRAD, Luanda, Angola, 29 e 30 Outubro de 2021.
- CABINDA, M. Dissecting Think Aloud Methods (TAM) (Part I): validity, reactivity, veridicality and reliability: the concept, advantages and the loopholes. **Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. soc.** v. 1, n. 2, pp 126-151, 2019.
- CABINDA, M. Using Think Aloud Methods (TAM) Effectively to Identify the Use of Reading Comprehension Strategies in FL Multilingual Contexts: towards effective meaning construction (Part II). **Rev. cient. UEM: Sér. ciênc. soc.** v. 1, n. 2, pp 152-173, 2019..
- CAMINADE, M. e PYM, A.) **Les Formations en traduction et interprétation: Essai de recensement mondial.**, Paris: Société Française des Traducteurs. 1995.
- CATFORD, J. C. **A Linguistic Theory of Translation.** Oxford: Oxford University Press, 1965.

- DOLET, E. La manière de bien traduire d'une langue en aultre, Paris: J. De Marnef, translated by D. G. Ross as 'How to translate well from one language into another'. In D. Robinson (ed.), pp. 95–7, 1540/1997b.
- DRYDEN, J. Metaphrase, paraphrase and imitation. Extracts of 'Preface to Ovid's Epistles' (1680), and 'Dedication of the Aeneid' (1697), in R. Schulte and J. Biguenet (eds), pp. 17–3, 1992; Also extracted in L. Venuti (ed.), pp. 38–42, 2004.
- EMMEL, I. **Linguística e Ciência da Tradução: Existe alguma relação?** UFSC, 1997.
- JAKOBSON, Jakobson, R. (1959/2004) 'On linguistic aspects of translation', 1959 e 2004, in L. Venuti (ed.) (2004), pp. 138–43.
- HEWSON, C. **The Sage Dictionary of Social Research Methods**. London: Sage, pp. 238-239, 2006.
- HOLMES, J. **Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi, 1988.
- HOLMES, J. **Name and Nature of Translation Studies**. In L. Venuti (ed.), pp. 180–92, 2004.
- HOLMES, James. **Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies**, Amsterdam: Rodopi. 2008.
- HOX, J. JOOP E BOEIJER R. HENNIE. Data collection, Primary vs Secondary. **Encyclopaedia of Social Measurement**, Elsevier, v.1, pp. 593-599. 2005.
- LARSON, M. **Meaning-based Translation: A guide to a cross-language equivalence**. Lanham: University Press of America, 1984.
- MILTON, John. 'Translating Classic Fiction for Mass Markets', *The Translator* 7(1):1998, pp. 43–69.
- MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications**, London and New York: Routledge, 1st edition. 2001.
- MUNDY, J. **Style and Ideology in Translation: Latin American Writing in English**, New York: Routledge. 2008, pp.5-6
- NIDA, E. A. **Language Structure and Translation**. California: Stanford University Press, 1975.
- NIDA, E. A. **Toward a Science of Translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating**. Leiden: Brill, 1964.
- NOGUEIRA, Danilo (2018). **Técnicas de Tradução**. 1 edição, Fevereiro de 2018. Santo André. ©2018 Reprodução permitida desde que integral e gratuita. 2018.
- ORDUDARI, M. **Good translation: Art, craft or science?**. 2008. <http://translationjournal.net/journal/43theory.htm> acesso em: 20 de Setembro de 2022 .
- SNELL-HORNBY, M. **Translation Studies: An Integrated Approach**. Amsterdam and Philadelphia, PA: John Benjamins, 1988; revised 1995.
- TYTLER in MILTON, John. 'Translating Classic Fiction for Mass Markets', *The Translator* 7(1): 1998: p. 39.
- Fontes de Blogs/internet**
- <https://en.wikipedia.org/wiki/Art> (acesso em: 20 de Setembro de 2022)
- <https://en.wikipedia.org/wiki/Science> (acesso em: 20 de Setembro de 2022)
- <https://www.wordsense.eu/ars/> (acesso em: 20 de Setembro de 2022)

NOTAS

¹ Na primeira edição do trabalho de Mundy (2001), havia pelo menos 20 cursos de pós-graduação em Tradução e vários “Centros de Estudos da Tradução” no Reino Unido. Na segunda edição (2007-8), esse número havia crescido para um total global de 135 cursos/programas a nível de Mestrado.

² O www.betranslated.com alistou mais de 246 instituições e 47 países do Mundo, apenas, que oferecem no conjunto vários

cursos de Tradução e Interpretação. A título de exemplo, nota-se que países como Argentina (25), Rússia (20) tem um número igual ou superior ao número que o Reino Unido tinha na altura da primeira edição de Mundy. Adicionados aos 135 do Reino Unido (número que pode ter crescido ou diminuído), obtemos um total 381 cursos/ programas na área da Tradução/Interpretação nesses 47 países (O Mundo tem 195 na lista das Nações Unidas e 2 não alistados ainda).